



Autor: GONÇALO FERREIRA DA SILVA

LENDA DA VITÓRIA RÉGIA



-Gonçalo Ferroira da Silva-

Lenda da Vitória Régia

Quando pensamos em Deus
e na infinita grandeza
do conjunto harmonioso
que compõe a natureza
nos quedamos ante nossa
espiritual pobreza.

E por mais que nós tenhamos
o pensamento fecundo,
a ciência nos ensine
a verdade é que no fundo
sequer nós sabemos como
foi formado o nosso mundo.

Dizem sábios que se nutrem
da ciência no regaço
que os mundos todos se formam
porque invisível laço
solidifica a matéria
disseminada no espaço.

Quem sentir do Amazonas
a fenomenal grandeza,
o rumor do grande rio,
terá com toda certeza
um respeitoso temor
às forças da natureza.

Por causa das amazonas
lá da verde região
o rio teve este nome
dado com inspiração
por Gaspar de Carvajal
de uma frota escrivão.

Tendo a flor Vitória Régia
a dimensão estupenda
de dois metros de diâmetro
para que se compreenda
o seu aparecimento
foi necessário uma lenda.

Nativa do Amazonas
essa flor descomunal
branca quando desabrocha
mas o clima tropical
a faz verde quando adulta
de beleza colossal.

Como tudo que é grande
lenda original tem
pra dizer porque existe,
quando foi feita e por quem
a nossa Vitória Régia
tem sua lenda também.

Essa enorme flor que tem
a peculiaridade
de suportar grandes pesos
flutua com facilidade
tendo o vegetal raízes
de grande profundidade.

Sustenta a lenda que havia
em era distanciada
imensa tribo de índios,
com a maloca instalada
às margens do grande rio
área privilegiada.

As índias do Amazonas
a beleza contemplavam
os belos sonhos de virgens
as cunhãs acalentavam
nos igarapés por onde
todo dia passeavam.

A cunhã acreditava
sem que ninguém ensinasse
que se subisse num morro
e numa estrela pegasse
seria também estrela
se numa estrela tocasse.

E a cunhã Neca Neca
que sobre os sonhos flutua
subiu num vegetal na
ingenuidade sua
para do galho mais alto
acariciar a Lua.

Entanto a desilusão
que teve a cunhã donzela
foi grande porque a Lua
tão garbosa quanto bela
passou no céu zombeteira
mangando da cara dela.

Ela voltou à maloca
tristouba e contrariada
raciocinando um meio
de construir uma escada
que chegasse até à Lua
sua ambição mais sonhada.

Sendo Neca Neca a india
de mais criatividade,
a que mais acreditava
nas coisas da divindade
esperaria dos céus
tamanha felicidade.

Num dia em que a poesia
embevecia sua vida
foi ao lago tomar banho
e totalmente despida
avistou no lago a
Lua cheia refletida.

A Lua cheia à feição
de grande bola de prata
no fundo das águas mansas
dava a impressão exata
de atender aos apelos
da filha da virgem mata.

Neca Neca disse: --- Quanto
é bonita esta manhã,
a Lua desceu do céu
com as ordens de Tupã
alegrar o coração
desta infeliz cunhã.

A índia sem hesitar
mergulhou esperançosa
de tocar a mão na Lua
naquela hora ditosa.
Desapareceu na água
profunda e misteriosa.

A lua penalizada
com tanta prova de amor,
com tanta obstinação,
com tanto humano calor
transformou a bela índia
na mais olorosa flor.

E nas noites estreladas
em que predomina a Lua
a Linda Vitória Régia
que sobre as águas flutua
mostra para a natureza,
a exuberância sua.

Nos lindos sonhos de virgens
poéticas contemplações
as cunhãs passavam horas,
à moda de orações
olhando o céu recamado
de lindas constelações.

Com a alma transbordante
de meiguice e de ternura
as cunhãs virgens miravam
da lua branca a candura
tão bela quanto divina
tão divina quanto pura.

Hoje a Vitória Régia
a grande flor circular
nas águas mansas do lago
só nos fará recordar
que a índia é aquela
flor de beleza sem par.

Um vegetal que não é
doutro país oriundo.
Deus dotou nosso país
tão bonito e tão fecundo
da mais bela e maior flor
que se conhece no mundo.

Disprende a Vitória Régia
olor tão especial,
tão puro e inebriante
que envolve o ar local
com poesia e perfume
vasta área tropical.

A linda Vitória Régia
é uma singular flor
no descomunal tamanho,
no inebriante odor,
no harmonioso verde
a predominante cor.

Rumoreja o grande rio
dando ao observador
um estranho sentimento
de respeitoso temor
aquele instinto inerente...
de algo superior.

— FIM —

Rio de Janeiro
- 1997 -

Gonçalo Ferreira

STUDIO GRÁFICO E EDITORA

Livros, Jornais, Revistas e Folhetos

Tel.: 232 - 6548

.....
Diga Deus Onipotente
se é você realmente
que autoriza, que consente
no meu sertão tanta dor
se o povo imerso no lodo
apregoa com denodo
que seu coração é todo
de luz, de paz e de amor.

Por que o gado, sem alento
morre faminto e sedento
se ainda se encontra isento
da lei-de-causa-e efeito?
Que fez ele no passado
de tão sujo e tão errado
para ser sacrificado
no meu sertão deste jeito?

Desculpe Deus de bondade
lhe falar na intimidade
também a humanidade
sofre, embora consciente;
no pé da lingua cria ingua,
vai falar lhe pesa a lingua
e acaba morrendo à mingua...
sem dizer tudo o que sente.

(do poema O IGNORANTE da Antologia do Antor